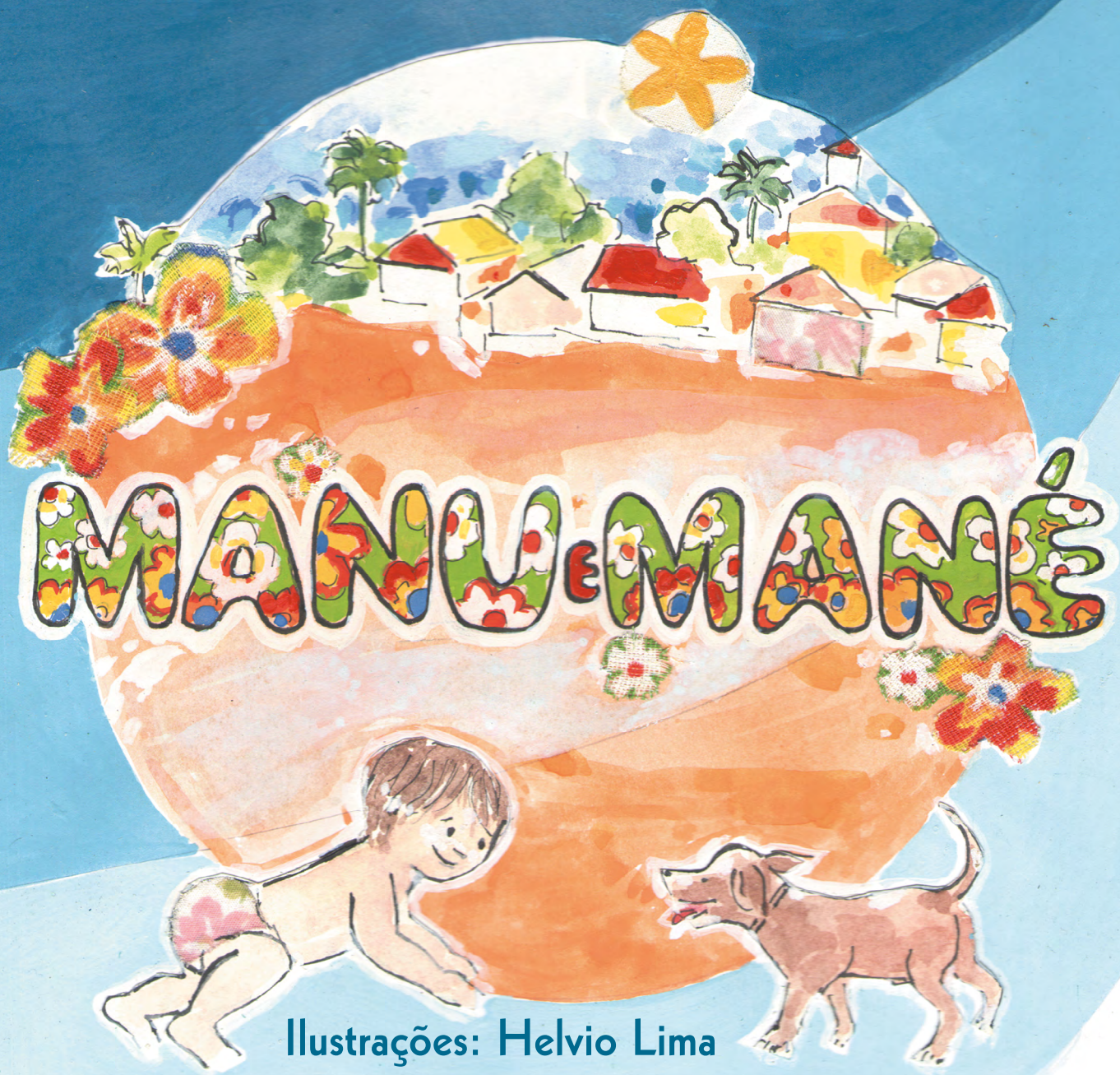


Martha Azevedo Pannunzio



Ilustrações: Helvio Lima

EDUFU



Martha Pannunzio

Martha Pannunzio contava histórias para suas bonecas desde os quatro anos. Cresceu e continuou contando. Para os cinco filhos. Para os sobrinhos e os netos. Para grandes auditórios. Até hoje, com oitenta anos, o que ela faz melhor, além de goiabada cascão, é contar histórias de fadas, fábulas, de assombração e de gente de verdade.

Nasceu em Uberlândia, MG, em 04/02/1938. Graduada em Letras Neolatinas (Universidade Mackenzie, SP) e Artes Plásticas (Universidade Federal de Uberlândia).

Seus livros publicados: *Veludinho* (Prêmio Nacional de Literatura Infantil); *Os três capetinhas*; *Bicho do mato*; *Era uma vez um rio*; *Bruxa de pano*; *Você já viu gata parir?*; *Manu e Mané*.

Adora as ilustrações de seu amigo e ex-aluno, o artista plástico Helvio Lima, que desenhou Manu e Mané. Foi vereadora. Acha que todo mundo deveria gostar de política e saber votar. Tem cinco filhos, quatorze netos e uma bisneta lindinha, chamada Manuella, personagem desta história. Mora numa fazenda linda, amada, pertinho de Uberlândia. Com seu cão de guarda Manuel, desta história.

Martha Azevedo Pannunzio



Ilustrações: Helvio Lima

Copyright 2019 © Edufu
Editora da Universidade Federal de Uberlândia/MG
Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução parcial ou total por qualquer meio sem permissão da editora.



Av. João Naves de Ávila, 2121
Campus Santa Mônica – Bloco 1S
Cep 38408-100 | Uberlândia – MG
Tel: (34) 3239-4293

<i>Reitor</i> Valder Steffen Jr.	<i>Conselho Editorial</i> André Nemésio de Barros Pereira Décio Gatti Júnior Emerson Luiz Gelamo Frederico de Sousa Silva Hamilton Kikuti Ricardo Reis Soares
<i>Vice-reitor</i> Orlando César Mantese	
<i>Diretor da Edufu</i> Guilherme Fromm	

Equipe de Realização

Editora de publicações	Maria Amália Rocha
Assistente editorial	Leonardo Marcondes Alves
Revisão	Cláudia de Fátima Costa
Projeto gráfico e ilustrações	Helvio Lima
Diagramação	Niron Fernandes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil

P194m Pannunzio, Martha Azevedo, 1938-
Manu e Mané [recurso eletrônico] / Martha Azevedo Pannunzio ; ilustrações:
Hélvio Lima. - Uberlândia : EDUFU, 2019.
II.

Disponível em: www.edufu.ufu.br

ISBN: 9788570784841

1. Literatura infantojuvenil brasileira. 2. Cão - Literatura infantojuvenil brasileira. I. Lima, Hélvio. II. Título.

CDU: 82-93

Gerlaine Araújo Silva – CRB 6: 1408

DOI: 10.14393/EDUFU-978.85.7078.484-1



É para você, como se fosse a sua história...

Oi, todo mundo! Este livro fala de Manuella e de seu cachorrinho viralata Manuel. Pode também ser a sua história, se você tem a sorte de ter um companheiro leal como Manuel. Eu escrevi esta história porque no mundo inteiro crianças e cachorros vivem as mesmas travessuras. É para você, como se fosse a sua história: basta mudar os nomes. Pode ser um gatinho, uma tartaruga, um passarinho, um peixe de aquário, qualquer bichinho vivo, mas, se puder escolher, prefira um cachorro. Eles são muito legais, cuidadosos conosco, um pouco ciumentos, e sempre nos fazem companhia.

Se você gostar de MANU E MANÉ, me mande uma mensagem:

marthapannunzio@gmail.com

Beijo,
Martha Pannunzio



*Manu é Manuella.
Mané é Manuel.
Ela é um bebê lindinho.
Ele é um cão vira-lata.
Manuella e Manuel moram em casas diferentes,
porém na mesma cidade.*





*Manuella tem dez meses.
Por enquanto não sabe andar.*

*Manuel deve ter dez meses,
um pouco mais, um pouco menos,
ninguém sabe ao certo.
É quadrúpede e sabe andar
desde a hora em que nasceu.*





*De onde veio Manuella?
Da barriga de sua mãe,
direto da maternidade para a casa dos pais
onde um quarto cor de rosa todo enfeitado a esperava.*



*De onde veio Manuel?
Da barriga da mãe dele, com mais nove irmãozinhos.
Dez cachorrinhos era demais.*

*A coitada da cadela não conseguiria amamentá-los.
Foi por isto que seu dono decidiu deixar alguns
na loja para adoção.
Entre eles estava Manuel.*





*O avô de Manuella passava todos os dias por aquela loja.
Olhava aquele monte de cachorrinhos diferentes,
e seu olhar se cruzava com os olhos doces
de um filhote marrom-claro que parecia dizer: me leva!*



*Um dia o homem não resistiu.
Entrou na loja, comprou uma
casinha de cachorro,
uma vasilha para água,
outra para comida.*

*Comprou também ração canina.
Pagou a conta do veterinário,
as vacinas que ele havia
aplicado, adotou Manuel
e o levou para casa,
para presentear
a neta Manuella.*

*— Um cachorro para um bebê? Que presente mais
esquisito! — as pessoas disseram.*

*O avô respondeu: — Sim, um cachorrinho para um bebezinho.
Para crescerem juntos, brincarem juntos.
Ele vai tomar conta dela direitinho.*



*No começo Manuella
só mamava e dormia.
E crescia. Mimosa. Mimada.
Uma princesinha.
Nem sabia que Manuel
existia, que esperava por ela
na casa do avô.*



*Manuel lambia o leite da vasilha,
dormia o dia inteiro, roncava e crescia.
Um reizinho mandão no pedaço.
Ficava enciumado quando aquela gente
barulhenta chegava. Por quê?
Porque percebia que junto vinha um pacotinho
chorão que todos queriam festejar.*

*— Sai, Manuel! — era só o que ele ouvia.
Pra curar a mágoa do abandono ele latia sem parar,
bem alto, bem forte, bem estridente.
Latia escandalosamente para dizer:
— Olha eu aqui, gente! Au-au!*





*Na era dos descobrimentos Manuella descobriu o chão,
e descobriu o quanto o chão era bom!
Mil vezes melhor do que colo e carrinho.
Descobriu que tinha pulsos firmes, braços fortes
e joelhos resistentes.
E, como uma gatinha, se pôs a engatinhar.
Foi então que conheceu um brinquedo de verdade
chamado Manuel.
Nesta altura do campeonato ela já era Manu e ele, Mané.
E aí começou uma grande amizade.*





*Manu e Mané se divertem zanzando pela casa.
Mané sempre na frente,
correndo com suas quatro patas velozes.
Ela atrás, lenta, esfolando as palmas das mãos
e os joelhos delicados no cimento do chão.*



*Manu ainda usa fraldas,
bate a cabecinha nas quinas das mesas
e apronta um berreiro quando perde a chupeta.
Mané corre, salta obstáculos,
rasga os brinquedos de pelúcia que encontra
e ainda dá sumiço nas meias dela.*





*Manuella ainda não fala.
Nem mamãe. Nem papai. Nem água.
Ela aponta o dedinho
e todo mundo corre para adivinhar seus desejos.*

*Mané também não fala,
late para avisar que está chegando gente estranha.
Por enquanto ele é mais esperto do que ela
e encontra sozinho tudo que quer.*





*Manu dorme no seu quarto,
no berço enfeitado,
e choraminga querendo
dormir na cama da mãe.
Ê menina manhosa!*

*Mané dorme no terreiro,
na casinha de cachorro, só dele.
E resmunga unhando a porta da cozinha.
O que ele queria mesmo era passar a noite
no sofá da sala.
Ê cachorro custoso!*



*Manu gosta de frango.
Parece um bebê troglodita.
Segura a coxinha com a mão e come.
Mais desperdiça do que come.*



*Mané se senta nas patas traseiras.
Olha aquela coxinha com olhos pidões.
Manu decifra o pedido.
Joga o banquete no chão para o amigo
e ele o devora com duas bocadas.*



*Quando a manhã está ensolarada,
a moça de avental pega a mangueira de borracha
e a bacia vermelha de plástico.*

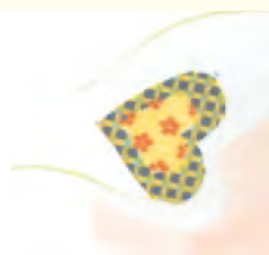


*Vai lavando o cachorro e enchendo a bacia.
Manu dá birra, lhe toma a mangueira.
Esguicha água em Mané.
O banho dos dois é gostoso no gramado do jardim.
Dos dois, não, dos três,
porque a moça de avental também fica ensopada.*





*Mané vigia Manu o tempo todo.
Ela dá um trabalhão!
Um dia destes
ela foi flagrada comendo ração
da vasilha de Mané.
Êta menina gulosa!
Ele latiu bravo e foi chamar o avô dela.
Êta menina levada!*





*Em todas as fotos de Manu aparece Mané.
Na festinha de um ano.
Na de dois anos. Na praia.
No parquinho da praça. No sítio da tia.
Engraçada aquela foto.
Ela dormindo na rede e ele cochilando embaixo.
Um olho fechado, sonhando.
O outro entreaberto, vigiando o entorno.
Novinho ainda e tão responsável!
Um verdadeiro cão de guarda.*





Na fazenda,

*quando o avô ia reunir o gado de tarde,
levava a neta no santantônio do arreo,
sempre escudado pelo fiel vaqueiro Mané.*



*Uma vez o avô deixou o cavalo amarrado na cerca.
Quando ia montá-lo
não percebeu que a neta vinha atrás dele.
Ninguém percebeu naquela tarde barulhenta
de gente reunida para fazer pamonha.
O avô encurtou a rédea, torceu-a para a esquerda.
O cavalo tinha que recuar um passo para se por em marcha.
Era a conta de esbarrar na menina, se assustar,
e, na fúria dos coices, pisoteá-la.
Mané, sem latir, voou na menina.
A pancada do focinho na barriguinha dela foi tão forte
que caiu meio metro atrás.
O cavalo saiu trotando calmamente, sem se dar
conta de nada. Nem ele nem o avô.*





*O primo que viu tudo
estava trepado nas grimpas da goiabeira.
Ele gritou muito.
Pensou que o cachorro
tinha arrancado as tripas da priminha Manuella.
Os pamonheiros acudiram
depois que os berros de Manu ecoaram pelo cerrado
naquela tarde de janeiro.*

*Foi só um susto, ainda bem!
Manu e Mané tinham quatro anos.
Neste dia ele foi aclamado como o herói das férias.*



*No aniversário de
cinco anos
de Manuella
o melhor presente
foi o do avô.
Adivinhe o quê?
Manuel.*

*O avô repintou
a casinha.
A avó costurou uma almofada nova.
O tio caçula protestou
contra a mudança do cachorro, que era seu,
mas acabou lavando-o com xampu bem cheiroso.*

*E lá se foram os três levar o presente e cantar
parabéns para os aniversariantes.
Daquela noite em diante Mané seria de Manu
pelo resto da vida.*





**QUEM
FOI?**

*Quem foi que deixou
o portão aberto?*

*Um dia o portão ficou aberto e Mané fugiu.
Andou, andou, atravessou uma rua,
atravessou outra rua e se perdeu.
A família aflita saiu procurando o vira-lata.
— Por acaso alguém viu um cachorro marrom por aí?...
vira-lata... mansinho... o senhor viu?*

Cidade grande, impossível percorrer todas as ruas.



CALMA!



*O avô manteve o equilíbrio:
— Calma, gente, na coleira está escrito o nome dele
e nosso telefone. Agora mesmo alguém chama.
As horas foram passando. Anoiteceu.
Nem Mané nem notícia de Mané.*

*De novo o avô tentou animar as pessoas:
-Nossa sorte é que Mané é um vira-lata.
Quem se interessaria por um cão vira-lata?
Amanhã ele aparece.
As pessoas grandes da família estavam tristes,
pensando que podia ter acontecido o pior.
Pela primeira vez descobriram que gostavam de Mané,
apesar da sua viralatice.*

*Ficou decidido que amanhã
quem pudesse viria para ajudar a fazer
e colar cartazes na vizinhança.
— Um cartaz, isto mesmo,
vamos colar uns cartazes — alguém sugeriu.*





*Papel sulfite,
tinta guache e pincel,
era tudo de que
eles precisavam
para fazer aqueles cartazes.*

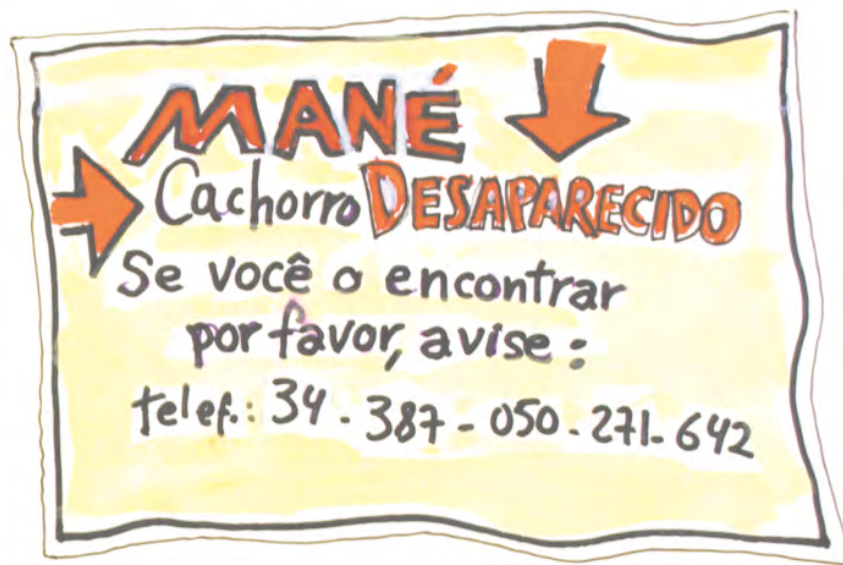
*Netos, primos,
avós ajudando,
em duas horas fizeram
mais de cinquenta cartazes.*

*Colaram os recados
pintados com tinta guache.
Tempo perdido porque
naquela noite um chuvisco
molhou os papéis
e borrou todos eles.
Silêncio total.*

Ninguém

avisou.

Fizeram outro cartaz.



Cinco dias de aflição perto do telefone.

Ninguém telefonou.

Nem para dizer Oi. Nem para dar bom dia.

*Ou as pessoas da cidade eram cegas
ou não sabiam ler.*

Por que ninguém dava notícia de Mané?

*Um cãozinho bonito,
bem tratado, inteligente,
obediente, estiloso,
de pelo curto, mansinho...*





Onde estaria Mané?

— Roubaram.

*Aposto que alguém roubou, só pode.
Um cachorro bacana, leal, esperto, sabido,
qualquer pessoa cobiça...,
disse o filho caçula que gostava de
Mané tanto quanto Manuella.
Ou mais.*

*O avô digitou e imprimiu cem cópias
coloridas com uma foto recente de Mané.
Saíram depois do almoço, ele e seu filho caçula,
colando-as onde permitiam.
No salão de barbeiro, na porta do mercadinho,
no sacolão, no vidro dos carros dos amigos
do bairro, na academia de musculação,
na casa lotérica, na lojinha
de aviamentos, na banca de revistas,
por toda parte.*

*Desta vez o recado era mais aflito.
Prometia algo a troco da informação.*





*O avô pensou que uma recompensa talvez
convencesse alguém
a entregar Mané.
Mas, que nada!
Ninguém se interessou
por aquela promessa.*

*Manuella queria que seu
amigo voltasse.
Chorava, chorava, não comia.
De noite, no berço, recusava
a mamadeira,
deitava na cabeceira, amanhecia
no pé da cama, embolava
os lençóis, tinha febre.
Nem queria mais ir à casa do avô.
Era preciso encontrar Mané
urgentemente.*



O tio caçula amava sua única sobrinha.

*Ligou o computador e fez um apelo pela internet.
Não pensou duas vezes.
Não perguntou ao pai se podia.*

*Ofereceu recompensa em dinheiro
para quem devolvesse o cachorro.
Dinheiro alto demais.
Afiml vira-latas estão soltos
nas ruas, sem donos,
esperando por alguém que
os leve para casa.
Só que agora a questão não era esta.
O tio caçula não pensou em Mané.
Pensou em Manuella, tão querida,
tão pequena, tão trstinha.
Ia ficar vinte semanas sem mesada,
se o pai lhe
emprestasse o dinheiro.
OK. Manuella valia muito mais.
Ele faria qualquer coisa para resgatar
a alegria da sobrinha e o equilíbrio
da família.*





*Muita gente telefonou para desejar melhoras a Manu,
para se solidarizar.*

*Centenas de mensagens carinhosas chegaram pela internet,
contando histórias parecidas, de final feliz,
de final infeliz.*

Alguém ofereceu um filhote de pequinês que ainda ia nascer.

*Uma velha que amava gatos se prontificou
a presentear Manuella com um filhote amarelo rajado
de branco, de olhos azuis, muito doces.*

Palavras boas, amorosas...

De Mané, nem notícia.





*Manuella tinha olheiras,
Estava magrinha.
Vivia amuada num canto.
Não brincava de nada.*



Às vezes se balançava na gangorra do quintal.

*Às vezes pegava seus lápis de cor e desenhava
meninas e cachorros.*

*O envelope escondido debaixo do travesseiro
continha um desenho de um coração
dentro do qual estava escrito:*



*Quinze longos dias se passaram.
De repente, uma tarde,
do nada surgiu Mané
no portão do jardim de sua casa.
Vinha sem coleira, arranhado, couro e osso,
com uma orelha rasgada,
uma baita bicheira no pescoço,
todo sujo de barro, cheio de carrapatos
e faminto.*



MANÉ!!!!!!!





*A moça de avental segurou a corda.
O tio caçula deu um banho de escova em Mané.
Bem ensaboado. Bem esfregado.
Vontade de bater naquele fujão.
Ele nem latiu. Uivava baixinho, de tanta dor.
Depois visita ao veterinário. Injeção.
Limpar a bicheira fedida. Costurar a orelha rasgada.
Descansar? Só de noitão, em casa, sossegado.
E pelo resto da vida, o quê?
Comer... dormir... comer... dormir...
Comer quanta ração quisesse. Dormir na sua casinha,
na almofada limpinha.
Ver aquele tanto de gente contente, batendo palmas, fazendo
festinha para ele...*

Ê vida boa!



*Manuella, de tão feliz,
sarou imediatamente.
Escola? Nem pensar!*



*Só queria ir para a casa do avô
brincar com Mané. Brincavam de correr.*

De jogar bola.

*De desperdiçar água
da mangueira do jardim.*

*De boneca. De irritar
o gato malhado.*

*De colher ovo no
ninho da galinha.*

*MANU não come ovo cru.
MANÉ come. Ela dá todos para ele.*





*O tempo foi passando.
Mané parou de crescer.*

*Manu continuou crescendo.
Todo dia ela vestia a mesma roupa,
calçava o mesmo par de tênis,
carregava uma mochila pesada,
entrava no carro e sumia na virada da esquina.
Mané corria ao lado do carro, latindo desesperado.*

— FICA MANUELLA, FICA !

*Ele parava na esquina, olhava, olhava, desistia,
e voltava para casa tristonho.*

A tarde era longa.

*Ele se deitava no ladrilho do alpendre, quietinho,
sem ninguém para brincar,
e acabava pegando no sono.
Onde andaria Manuella?*





*Foi então que chegou em casa
um embrulhinho chorão.
Desta vez foi o pai de Manu
que desembrulhou a manta
e apresentou o recém-chegado:
— Este é Zezinho. Toma conta dele,
viu, Mané?
Direitinho.*





*Mané farejou o bebê cheiroso.
Latiu muito para festejar o novo hóspede
sob sua responsabilidade.*

*Um novo companheiro para tantas
travessuras!*

*Ia ser muito bom cuidar daquele menininho fofo,
principalmente agora que Manu tem tanto dever
para fazer e ainda passa a tarde toda na escola.*

Zezinho caiu do céu, pensa Manuel.

*Ele espreguiça no chão do alpendre
e vai dormir um soninho enquanto Zezinho mama,
dorme e cresce para brincar com ele.*

Vai começar tudo de novo.

Que bom!



E depois?

*Depois os três foram felizes
por toda sua infância e adolescência.
Para saber que esta história é verdadeira,
basta folhear os álbuns de fotografia
de Manuella e de seu irmão Zezé.*

cachorro mia lata é tudo de bom!



Helvio Lima

A caixa de lápis de cor de seis cores e o caderno de desenho, era como a escola para mim se justificava. Na adolescência, uma professora importante de fala brilhante nas aulas de português. Já fiquei fã de cara. Um dia ela disse diante da sala uma frase que escrevi numa redação. Comecei a por sentido no que eu poderia escrever a partir daí. Para o seu primeiro e premiado livro *Veludinho* illustrei o convite de lançamento. Martha Pannunzio virou um ícone com sua fala expressiva e sua opinião sincera. Ela e o marido Gilberto em minha casa para contemplar as obras e, honra, incentivar-me com um lindo texto de apresentação de minha primeira exposição. E já foram dois livros dela ilustrados por mim e mais de quarenta anos de amizade e admiração. Na maturidade, aos cinquenta anos de carreira, exposições, prêmios, reconhecimento e o prazer de ilustrar *Manu e Mané*.

Helvio Lima



MANU: MANÉ

*MANU é um bebê lindinho,
uma princesinha mimosa.*

*MANÉ é cão vira-lata, carinhoso,
um rezinho mandão no pedaço.*

*Uma história feliz,
plena de ternura e amor!*

